



2018

ISSN: 2359-6597

CRÍTICA DE NIETZSCHE À COMPAIXÃO SCHOPENHAUERIANA¹

Amanda Pires Pedrozo*

Alceu Cavalheiri**

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo apresentar as principais considerações das críticas de Nietzsche no que diz respeito à fundamentação da moral de Schopenhauer. A doutrina schopenhaueriana, a qual fundamenta a moral na compaixão, é alvo de duras críticas nietzschianas, ao estipular que as ações dotadas de valor moral são somente aquelas que levam em consideração o outro. Para isso, torna-se necessário uma revisão das teses schopenhaurianas, segundo as quais, o egoísmo é o motivo antimoral por excelência e, contrariamente, o altruísmo é a base legítima da moralidade, ou seja, a compaixão como única e possível fundamentação da moral.

Palavras-chave: Moral. Nietzsche. Schopenhauer.

Introdução

Contra o pensamento ético tradicional, o qual considera que agimos segundo nosso livre arbítrio, Schopenhauer, sustenta que agimos de acordo com nosso carácter e que esse não é constituído por nossas decisões ao longo de nossas vidas, mas, simplesmente, revelado por elas. A ética de Schopenhauer investiga, justamente, as ações. O filósofo nos convida, em *Sobre o fundamento da moral* (2001), a uma incursão sobre os motivos morais que levam as pessoas a transformar um querer em ação. O pensador alemão procura responder algumas interrogações, tais como: de que modo os seres humanos agem? Quais as potências motivadoras das escolhas e posições que as pessoas assumem? Segundo o filósofo,

¹ Artigo elaborado para a disciplina de Filosofia Contemporânea II e inscrito na XVII Semana Acadêmica da Faculdade Palotina.

* Acadêmica do Curso de Filosofia-UFN. E-mail: appedrozo7.ap@gmail.com

** Professor Orientador do Curso de Filosofia-UFN. E-mail: alceucavalheiri@gmail.com

encontramos três modos básicos de agir, cada qual relacionado com um tipo de motivação: egoísmo, crueldade e a compaixão.

No presente trabalho, nos deteremos a tratar das motivações antimorais (egoísmo e crueldade) e da motivação moral (compaixão), levando em consideração que, adiante, trataremos da crítica de Nietzsche sobre essa fundamentação schopenhaueriana.

1 A moralidade schopenhaueriana

Tendo em vista a natureza humana, Schopenhauer considera que o egoísmo é a motivação principal e fundamental encontrada nas ações humanas. E, pondera ainda, que essa motivação também é encontrada nos animais. Entretanto, observa que a diferença é que os animais não exercem o egoísmo com interesses, somente por necessidade, enquanto os homens, guiados pela razão e por meio da reflexão, sempre perseguem os seus interesses.

[...] todas as suas ações surgem, via de regra, do egoísmo, e é, sempre neste que deve ser por fim buscada a explicação de uma ação dada, como também é nele que está inteiramente fundamentado o cálculo de todos os meios pelos quais busca-se conduzir o homem a qualquer alvo que seja (SCHOPENHAUER, 2001, p. 121).

O egoísmo é uma motivação sem limites, pois o homem está disposto a fazer o que for preciso para garantir seus interesses, para conservar incondicionalmente sua existência e ser livre da dor (DALCOL, 2014), buscando, assim, a maior soma de bem-estar e todo o gozo que for possível desfrutar.

Tudo aquilo que, de alguma forma, opõe-se ao egoísmo no ser humano tende a excitar nele uma má vontade, ódio e ira, fazendo com que o homem veja todos seus opositores como inimigos. Esses inimigos são como barreiras que o impedem de alcançar seus interesses e bem-estar. Deste modo, é preciso fazer algo para acabar com os mesmos. Sendo assim, o homem é capaz de cometer atrocidades para realizar suas conquistas.

Outra motivação antimoral, de que trata Schopenhauer, é a malevolência, que se opõe à virtude da caridade. Essa motivação antimoral, em pequenos graus, é como um hábito que pode alcançar graus mais elevados, chegando à crueldade, que é estimulada por vícios, fraquezas, loucuras, carências e imperfeições. É como uma planta que cultivamos e da qual não fazemos ideia dos frutos que nos dará.

Sentir inveja é humano, mas gozar alegria maligna é diabólico. Não há sinal mais inequívoco de um coração bem mau e de nulidade moral profunda do que um traço de pura genuína alegria maligna (SCHOPENHAUER, 2001, p. 126).

A inveja mencionada é uma fonte da malevolência, ou melhor, dizendo, é ter desejo pela felicidade, pelos bens e vantagens dos outros. Entretanto, pior que esse sentimento de inveja, que é inevitável para a existência humana, é a alegria maligna, um sentimento de prazer por ver o outro sofrer, já que a inveja e a alegria maligna podem virar maldade e crueldade respectivamente.

As ações por egoísmo podem levar a crimes, prejuízos e sofrimento ao outro, mas essa não é a finalidade do egoísmo, já que esse é o meio pelo qual o egoísta persegue e alcança seus objetivos. A máxima do egoísta é, segundo o autor, ‘não ajude a ninguém, mas prejudica a todos, se acaso levado a isso’. Já, nas ações por malevolência, no caso da inveja e a alegria maligna, em um grau mais elevado, tornando-se maldade e crueldade, o objetivo do agente é justamente o sofrimento alheio. A máxima da maldade, segundo Schopenhauer, é ‘prejudica a todos que puderes’ (JANAWAY, 1999).

Enquanto cada homem busca, ambiciosamente, assegurar sua existência nas melhores condições possíveis, perseguindo seus fins pelos meios que julga adequado, certamente, os meios de realização do seu querer entrarão em conflito com o querer e os meios de realização do querer de outro indivíduo. Teremos, assim, uma sobreposição da afirmação da vontade dos indivíduos, a concorrência, e a colisão de interesses. Dessa forma, o ser egoísta é responsável pelo conflito interno da vontade conseguir atingir temível manifestação no mundo como representação, engendrando a guerra de todos contra todos.

Mas, o que seria capaz de fazer com que essas motivações antimorais fossem superadas e, assim, surgissem ações morais? O núcleo da fundamentação da moral em Schopenhauer se estabelece na negação do princípio de individuação, mediante a qual os indivíduos, capazes de se desvincular de seus interesses individuais (egoístas), avançando em direção às necessidades dos outros seres, juntamente com a negação da vontade. Esse é o ponto de partida de Schopenhauer para explicar a compaixão como a única e possível fundamentação da moral (DACOL, 2014).

O exercício da compaixão é um processo de identificação com o outro, contato estabelecido pelo reconhecimento do sofrimento que o outro sente. Nesse sentido, por exemplo, para que a proporção existente num dado homem, entre o egoísmo e compaixão, possa entrar em cena, não é suficiente que possua riqueza e veja a miséria alheia: também, tem de saber o que é permitido fazer com a riqueza, tanto para si quanto para os outros;

ademais, não apenas tem de ter sido apresentado ao sofrimento alheio, mas também tem de ter experimentado o que é o sofrimento, bem como o prazer (SCHOPENHAUER, 2005, p. 382,).

É a partir deste exercício e da característica de sermos seres corpóreos que somos passíveis à experimentação do sofrimento e dor, assim, tornando-nos, de certa maneira, aptos a reconhecer o sofrimento e a dor do outro. Dessa forma, o processo identificativo, onde o ser humano toma para si o sofrimento dos outros, como se fosse o seu, é, justamente, o momento de uma ação compassiva, ou seja, uma ação motivada pela compaixão, ou melhor, dizendo, uma ação moral.

2 A crítica de Nietzsche

Até aqui buscamos deixar claro a teoria de Schopenhauer, em relação a fundamentação da moral. Então, podemos, assim, imergir nas críticas lançadas por Nietzsche, no que tange ao critério de negação de si, ou seja, a compaixão como seu fundamento. Para o autor de *Aurora* (1886), Schopenhauer é como antessala do cristianismo (OLIVEIRA, 2010, p.1), segue à risca essa tendência basilar de toda a moral ocidental, cuja referência, em última instância, é o imperativo representado pelo mandamento bíblico do amor ao próximo, o qual está, desde a tradição antiga, associado à negação ou esquecimento de si.

Para Nietzsche, o amor a si mesmo ainda não começou a ser praticado pelo cristianismo como condição do amor ao próximo, já que a velha máxima pascaliana² continua tendo mais força do que o velho testamento.

§ 79 Uma proposta - Se o nosso Eu segundo, Pascal e o cristianismo, é sempre odioso, como poderemos sequer admitir que os outros o amem, seja Deus ou o homem? Seria contrário a toda a descendência deixar-se amar sabendo perfeitamente que só se merece o ódio, sem falar mesmo dos outros sentimentos de repulsa. Mas é precisamente o reino da graça. Então o vosso amor ao próximo é uma graça? A vossa piedade uma graça? Bom, se isso vos é possível fazer ainda um pouco mais: amai-vos a vós mesmos, por graça - e então não teremos mais necessidade do vosso deus, pois que todo o drama da queda e da redenção acontece em vós próprios (NIETZSCHE, 1886, p. 65).

O que o filósofo alemão quer deixar claro nesse fragmento é que o ódio ao 'eu' aparece como uma dificuldade para chegar ao verdadeiro amor, porque, para ele, entende-se que todo amor tem como base o amor a si. O 'ódio ao eu', frequentemente pronunciado como

² “O mais antigo que sobre o homem se pensou se oculta na famosa máxima: ‘o eu sempre é odioso’” (PASCAL, Pensamentos, A, 79).

regra da moral da compaixão, seria, segundo Nietzsche, a mais contundente contraposição ao amor ao próximo, já que quem não ama a si mesmo não deveria ter motivos para ser amado pelos outros.

Poderíamos ainda afirmar que a moral da compaixão é um processo identificativo, onde o ser humano toma para si o sofrimento dos outros como se fosse o seu, no qual é, justamente, o momento de uma ação compassiva, ou seja, carregaria a negação da sua própria possibilidade. Porque a negação daquilo que Nietzsche chama de ‘Eu’ impossibilita a identificação com o próximo, já que ele é alguém que não se ama? Essa é, para o filósofo, a posição tanto do Cristianismo quanto do próprio Schopenhauer (OLIVEIRA, 2010, p. 5).

[...] a mora, para Nietzsche representa um dos fatores que separariam um homem da natureza, não reconhecendo ele nenhuma forma de comportamento que não tenha por finalidade o aumento do sentimento de potência, expressões psicológicas da vontade de potência. Enfim, a cultura e a moral são para Nietzsche uma camada de verniz fina sobre a qual repousa ainda o animal de rapina homem (PASCHOAL; FREZZATTI, 2008, p. 43).

Em outras palavras, a moralidade, desse modo, ao invés de ser um rompimento com a natureza, causado pelo carácter excepcional da racionalidade humana, em sua capacidade de julgar e universalizar normas, seria, assim, um produto de uma série de condições naturais que herdamos de nossos antepassados em alguma medida. Por esse motivo que Nietzsche interpreta o filósofo pessimista como um resultado perfeitamente acabado da tentativa de fuga da existência, marcada pela dor, que advém do egoísmo, que faz todo homem e toda ação humana ser motivada pelo interesse próprio: “cada indivíduo, que desaparece por completo e diminui ao nada em face do mundo sem limites, faz, no entanto de si mesmo o centro do universo” (SCHOPENHAUER 2005, p. 426). O egoísmo, assim, seria a força mobilizadora do indivíduo, porque ele antepõe “a própria existência e o bem-estar a tudo o mais, sim, do ponto de vista natural está preparado a sacrificar qualquer coisa, até mesmo a aniquilar o mundo, simplesmente para conservar mais um pouco o próprio si-mesmo, esta gota no meio do oceano” (SCHOPENHAUER 2005, p.427).

Essa posição egoísta e interesseira está posicionada na essência mesma do homem como animal e só a experiência moral poderia, segundo Schopenhauer, romper com esse processo, porque ela possibilita a escolha entre a bondade e a maldade. Contra o móvel moral do egoísmo e da maldade, o filósofo estabelece, então, a fórmula da piedade: ajudar aos outros e não fazer-lhes mal; tal ação aparece como a fórmula da moral da compaixão, a participação no sofrimento do outro como processo de purificação, que tem o seu auge na

libertação do sofrimento do mundo, através da mais radical renúncia ao querer-viver – a emancipação da vontade. Para Schopenhauer, a ‘fonte última’ da maldade ‘é um elevadíssimo grau de egoísmo’, porque “numa tal pessoa exprime-se uma vontade de vida veemente ao extremo” (MVR, 2005, p. 462) e ela passa a procurar “apenas o próprio bem-estar, totalmente indiferente ao dos outros” (MVR, 2005, p. 462). Para ele, essas características “são os elementos básicos do mau caráter” (MVR, 2005, p. 463) e, portanto, a fonte de toda a maldade.

§ 133 Não pensar mais em si - Que se reflita sobre isto seriamente: porque razão soltamos a água para socorrer alguém que aí vimos cair embora não tenhamos por ele qualquer simpatia particular? Por compaixão: não pensamos se não no outro, - diz o irrefletido. Porque sentimos a dor e a infelicidade de quem perde sangue, embora nutríssemos a seu respeito sentimentos maus e hostis? Por compaixão: na altura deixamos de pensar em nós - diz ainda o irrefletido. A verdade é a seguinte: na compaixão quero dizer, no que costumamos chamar erradamente, compaixão - não pensamos certamente em nós de modo consciente, mas, *inconscientemente pensamos e pensamos muito*, da mesma maneira que, quando nos escorrega o pé, executamos sem ter consciência os movimentos opostos necessários para nos equilibrarmos, pondo aí todo nosso sentido (NIETZSCHE, 1886, p.110).

Para Nietzsche, isso representaria, sem dúvida, a negação do próprio ser do homem, o desejar mal para si como móvel ético porque só negando a si mesmo seria possível tornar-se moral, segundo o modelo da compaixão.

§133 Ora só nos libertamos deste sofrimento pessoal quando cumprimos atos de compaixão. Todavia não agimos assim por um só motivo, tão certo é que nós queremos assim libertar de um sofrimento, quando é certo que eu agir assim, cedemos a um *impulso de prazer*, - o prazer nasce perante a um negativo da nossa situação, da ideia de que podemos ajudar se ‘eu quisermos’, do pensamento dos louvores e reconhecimentos assegurados no caso de efetivamente auxiliarmos, mas nasce da própria atividade de auxiliar, na medida em que é um ato bem sucedido, cujo sucesso progressivo permite ao seu autor ter prazer nele mesmo, mas nasce sobretudo do sentimento de que a nossa ação põe termo a uma injustiça revoltante (a exteriorização desta indignação é já bastante para reconfortar) (NIETZSCHE. 1886, p.111).

Deste modo, o autor de *Aurora* afirma que não existe nenhuma ação altruísta nem um olhar totalmente desinteressado. O ato compassivo seria realizado para aliviar o próprio sofrimento. Em ambos os casos, não se poderia ignorar a satisfação em ser reconhecido como moralmente superior. Essas análises, sobretudo, psicológicas, serão aprofundada na *Genealogia da Moral* (1887). Lá, o altruísmo é apenas uma forma de vontade de potência e a compaixão significa o amolecimento dos instintos humanos, de tal modo que o elogio de Schopenhauer a compaixão seria um sinal preocupante da decadência da cultura ocidental.

Em sua análise, o surgimento da cultura. Enfim, esses sentimentos teriam sido frutos do adestramento realizado pelo sacerdote ascético. Em resumo, a moral surge como uma contra natureza.

Considerações finais

No desenvolvimento deste trabalho foram discutidos os elementos essenciais da proposta de Schopenhauer a favor da defesa de uma fundamentação da moral, baseada na compaixão, os quais não parecem ser suficientes para convencer Nietzsche. A compaixão, como um processo de identificação com o outro, é, para Nietzsche, uma espécie de ‘fuga de si mesmo’, ou melhor, dizendo, ‘salvar-se de si nos outros’. Essas ações motivadas pela compaixão são apenas ações ao próximo, deste modo, reafirmando o ‘Eu odioso’.

Logo, a base da crítica de Nietzsche é o processo de negação de ações altruístas, juntamente com a negação de um olhar totalmente desinteressado. O ato compassivo seria realizado para aliviar o próprio sofrimento. Também, é importante ressaltar que, em contrapartida, Nietzsche, assume uma posição em que recupera no indivíduo aquilo que é seu. Ou melhor, não apenas nega uma parte de seus impulsos, os quais motivam as escolhas que prejudicam os outros, mas, também, eleva outros impulsos mais fracos e doentios, restituindo a integridade perdida na moral.

Referências

DALCOL, Mônica Saldanha. **A compaixão como fundamento da moral em Schopenhauer**. Dissertação (Mestrado em Filosofia) UFSM, Santa Maria - RS, 2014.

JANAWAY, Christopher. **Schopenhauer**. Cambridge: Cambridge University Press, c1999. 478 p. (The Cambridge Companion).

NIETZSCHE, Friedrich. **Aurora**. Tradução Rui Magalhães. Res Editora, Porto-Portugal 1886.

OLIVEIRA, Jelson. **A crítica de Nietzsche à moral da compaixão de Schopenhauer em Aurora**: o desprezo de si como artimanha de condenação do indivíduo. Revista Voluntas: estudos sobre Schopenhauer – 2º semestre 2010 – Vol. 1 – Nº 2 – ISSN: 2179-3786 - pp. 04-22

PASCHOAL, Antônio Edmilson; FREZZATTI, Antônio. **120 anos de “Para a genealogia da moral”**. Ijuí: Ed. Unijuí 2008.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação**. 1º Tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

_____. **Sobre o fundamento da Moral**. Tradução Maria Lúcia Oliveira Cacciola. São Paulo: Martins Fontes, 2001.